

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

O sofrimento psíquico de estudantes migrantes no ensino superior

The psychic suffering of migrant students in higher education

El sufrimiento psíquico de los estudiantes migrantes en la educación superior

Ana Raíla Arrais de Sousa¹ & Henrique Figueiredo Carneiro²

¹ Universidade de Pernambuco. *E-mail*: anaraila53@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0001-9693-1819>

² Universidade de Pernambuco. *E-mail*: henrique.carneiro@upe.br *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0002-1861-0793>



Informações do Artigo:

Ana Raíla Arrais de Sousa

anaraila53@gmail.com

Recebido em: 16/09/2022

Aceito em: 06/03/2023

RESUMO

Trata do sofrimento psíquico de estudantes migrantes no ensino superior, sendo relevante por apontar uma demanda invisibilizada, provocando o olhar da instituição e dos profissionais em saúde mental. O principal objetivo encontra-se em investigar o sofrimento psíquico associado ao estudante migrante no ensino superior. Para levantamento de dados, foi realizado um estudo qualitativo e se utiliza de rodas de conversas virtuais como método de pesquisa. Como resultado, observou-se que o estudante em situação de migração está respondendo com sofrimento à condição de estrangeiridade e desamparo. Assim, sugere-se a criação de programa de atendimento em saúde mental para o estudante migrante.

PALAVRAS-CHAVE:

Estudantes universitários; Sofrimento psíquico; Migração humana; Desamparo; Estrangeiridade

ABSTRACT

The present research deals with the psychic suffering of migrant students in higher education, being relevant for pointing out an invisible demand, hence provoking the attention of the institution and mental health professionals. The main objective is to investigate the psychological suffering associated with migrant students in higher education. A qualitative study was carried out for data collection, and virtual conversation circles were used as a research method. As a result, we observed that the student in a migration situation is responding with suffering to the condition of foreignness and helplessness. Thus, the creation of a mental health care program for migrant students is suggested.

KEYWORDS:

University Students; Psychic suffering; Human migration; Helplessness; Foreignness.

RESUMEN

El presente estudio trata del sufrimiento psíquico de los estudiantes migrantes en la educación superior, siendo relevante por señalar una demanda invisibilizada, provocando la atención de la institución y de los profesionales de la salud mental. El objetivo principal es investigar el sufrimiento psicológico asociado a los estudiantes migrantes en la educación superior. Para la recolección de datos se realizó un estudio cualitativo y se utilizó como método de investigación las rondas de conversaciones virtuales. Como resultado, se observó que el estudiante migrante está respondiendo con sufrimiento a la condición migratoria y de desamparo. Por lo tanto, se sugiere la creación de programas de atención en salud mental para el estudiante migrante.

PALABRAS CLAVE:

Estudiantes universitarios; Sufrimiento psíquico; Migración humana; Desamparo; Extranjería.

A pesquisa trata do sofrimento psíquico associado aos movimentos migratórios produzido por universitários em condição de migração estudantil, sendo desenvolvida de forma online com estudantes da Universidade de Pernambuco/PE, campus Garanhuns/PE. Assim, consideramos necessário, inicialmente, dialogar sobre os movimentos migratórios, que não são incomuns, tendo em vista que o sujeito, mesmo nas épocas mais remotas, buscou ocupar novos lugares, desbravar espaços com o desejo de alcançar novas oportunidades e assim poder intensificar seu desenvolvimento profissional e pessoal (Sousa & Silva, 2018).

No Brasil, o fenômeno ocorreu por inúmeras razões, incluindo as secas dos anos 50 e 60, oportunidades de trabalho, por exemplo, no corte da cana de açúcar, o café, a industrialização no Estado de São Paulo, além da extração da borracha na Amazônia no século XIX, vivenciando um salutar desenvolvimento econômico e instigando o interesse de migrantes em busca da ampla mão de obra ofertada (Fusco & Ojima, 2016).

Os nordestinos ganham destaque quando se fala de migração brasileira, que em meio às difíceis condições econômicas migravam para as capitais (Silva, 2019). Todavia, os movimentos migratórios não acontecem apenas por questões econômicas, busca por trabalho, ou mesmo condições forçadas na saga pela sobrevivência. No Brasil, em 2009, os deslocamentos territoriais de estudantes ganharam notoriedade, sendo intensificados devido à submissão dos alunos ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM como forma de acesso, e por consequência, aprovação no Sistema de Seleção Unificada- SISU, que possibilita ao estudante concorrer aos diversos cursos superiores em todo o país.

Esses deslocamentos, por sua vez, estão obrigatoriamente relacionados aos cruzamentos entre as culturas (Mallard et al., 2015). No entanto, nessa interação surge a possibilidade do sujeito perder parte de sua identidade, vivenciar o luto por tudo aquilo que foi deixado para trás em uma condição denominada de estrangeiridade, que também possibilita ao sujeito experimentar o desamparo, quando está diante do que não é conhecido como familiar (Mallard et al., 2015).

Dessa forma, o estudante migrante é arremessado nesse lugar, sendo uma das incongruências da atualidade, conforme escrito por Oliveira et al. (2014), pois embora se tenha aumentado as possibilidades do sujeito realizar os seus desejos com maior praticidade, comparando a outros tempos, ele sente grande desamparo para realizar numa situação de

segurança e ajuda do coletivo, sendo deixado à própria sorte, afastando-se dos objetos de amor, incluindo a sua família (Oliveira et al., 2014).

Na visão de Finger (2008), esse fenômeno pode produzir sofrimento psíquico no sujeito, pois o movimento migratório, assim como a morte, mudanças repentinas, acidentes, abala a estrutura familiar e produz um efeito desestruturador (Finger, 2008). Em conformidade com Finger (2008), Rosa e Tatit (2012) pontuam que essas características, com a preponderância do luto, potencializam o isolamento social do migrante, criando um espaço com risco zero e protegido, buscando um velamento das dificuldades ou conflitos que possam surgir em sua relação com os outros. Assim, o isolamento implica na relação do sujeito com os laços sociais já construídos, bem como aqueles que ainda estão em processo de construção (Rosa & Tatit, 2012).

Somado às questões dialogadas, o universitário em deslocamento territorial ainda precisa dar conta da demanda acadêmica requerida pelo ambiente institucional, que embora seja um ambiente para a formação e aprimoramento profissional, e carregue consigo o escopo social e seus efeitos, ao tempo que, contribui nas inúmeras construções de sintomas para os sujeitos (Carneiro et al., 2021).

Efeitos Subjetivos do Deslocamento Territorial Estudantil

Nos movimentos migratórios estudantis também emergem as subjetividades do sujeito psíquico e de suas ações, “em cada deslocamento encontra-se a singularidade da história de vida do sujeito que migra” (Grigorieff & Macedo, 2018, p. 475), “revelando um cenário sinalizado por complexidades que geram sofrimento” (Grigorieff & Macedo, 2018, p. 479).

Embora a migração estudantil seja uma escolha, o universitário é afetado por todas as mudanças advindas no processo de deslocamento, atravessado por suas questões identitárias, remetendo a este sujeito experiências de desamparo, desinvestimentos e investimentos no laço social e a vulnerabilidade psíquica, julgamentos em virtude das diferenças culturais, exclusão, conflitos, provocando sofrimento e mal-estar (Betts, 2014; Girardi & Borges, 2015), pois é a forma que o novo espaço lida com aquilo que lhe é estranho, é excluindo-o, expulsando-o e o tornando estrangeiro (Betts, 2014).

Assim, o migrante é confrontado ao enxergar a sua cultura de origem ser desqualificada, subestimada e impotente, percebendo que não é quem comanda os costumes, como o modo de se vestir, comer, falar ou se comportar (Betts, 2014). Deste modo, o sujeito é provocado a renunciar as suas pulsões para ser inserido na “nova” cultura, custo pago com o mal-estar, parafraseando Sigmund Freud no livro “Mal-estar na Civilização” (1930). Ademais, é “comum acontecer que o imigrante e seus descendentes não consigam mais se reconhecer ou fazer reconhecer sua identidade, tanto na cultura de origem, quanto na cultura local” (Betts, 2014, p. 8).

Desse modo, conclui-se que essa não é necessariamente uma experiência agradável ou que o sujeito saiba lidar, pois “estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (...), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora” (Bauman, 2005, p. 22). Dessa forma, essa experiência assume um lugar estranho ou de estranheza, onde as certezas do sujeito são negadas e abaladas, não há segurança, sendo inconsistências provocadas pelo fenômeno da estrangeiridade (Mallard et al., 2015).

Koltai (2000), pesquisadora que viveu intensos deslocamentos territoriais, revela que as migrações a que se submeteu deixaram marcas, sendo atravessada pela nostalgia e estranheza, reafirmando que essa condição é presente mesmo quando o novo lugar se encontra em seus desejos de permanência ou realizações. A partir dessa ideia é possível associar ao caso do estudante migrante que percorre quilômetros em busca da diplomação, vivenciando os efeitos dessa condição diluídos na sua própria demanda (Mallard et al., 2015).

À vista disso, esse deslocamento obrigatoriamente produz necessários desinvestimentos e reinvestimentos sendo indispensável observar as perdas, quebras e renúncias vivenciadas caracterizando o luto e a melancolia. Essas vivências podem constituir um lugar de complexidade na psique humana, sendo o luto e melancolia necessários para posteriores elaborações no tocante aos objetos de amor perdidos, como evidenciado nos escritos freudianos (Grigorieff & Macedo, 2018). Isso pode configurar o luto como uma reação à perda de um objeto de amor, “à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, 1917, p. 4).

Nesse mesmo processo, descobre-se que não há lugar ideal no mundo e muito menos que seja para sempre, indicando o que denomina-se de desamparo, cenário de exageros onde o sujeito não tem como diferenciar ou reconhecer o que lhe seja familiar (Grigorieff & Macedo, 2018; Jacobucci, 2017), além de se remeter a um percurso “como uma condição de desproteção irremediável” (Carvalho & Gewehr, 2022, p. 3).

Todavia, pensar sobre o desamparo exige a reflexão sobre a ancestralidade em termos familiares, a história da pátria, a condição da constituição da história civilizatória dos sujeitos, além de sua situação de fragilidade e insegurança. Tais vivências podem reportar à origem constitutiva dos sujeitos, sabendo que o ser humano necessita da experiência da dependência

absoluta caminhando para a conquista da independência relativa, sendo então cuidado por outros humanos que possibilitem a sua sobrevivência e o seu vir a ser (Pereira, 2021).

Para Carvalho e Gewehr (2022), “o fato biológico da prematuração orgânica constitui a expressão de uma condição originária de desamparo” (p. 2). A partir disso, Júnior (2013) compara a condição de desamparo experienciada por adultos às vivências primárias do bebê e sua dependência de um adulto que lhe dê condições para sobreviver, que, para Oliveira (2014), esse movimento está estritamente relacionado ao relacionamento com os pares, pois com medo do desamparo o sujeito estreitou seus laços e assim buscou superar seus temores e vulnerabilidades, sacrificando as suas pulsões.

Dessa maneira, Ceccarelli (2009) acrescenta que ao longo da existência do sujeito, ele reage às situações de desamparo buscando estímulo também nas construções simbólicas, citando os laços sociais que o mundo externo oferta, variando conforme a cultura e o momento histórico vivenciado, buscando algo que traga-o de volta ao paraíso perdido. Além da presença do outro enquanto fator necessário para a constituição do sujeito, os laços sociais corroboram para a condição de pertencimento do indivíduo numa cultura, ocupando um lugar crucial para a formação de sua identidade e as probabilidades de investimento (Grigorieff & Macedo, 2018).

Tizio (2022) assinala que o laço social se configura como “a relação entre os seres humanos que se sustenta do discurso e, por meio dele, assume as modalidades de época e marcas de uma cultura determinada” (p. 2). Além disso, trata-se da modalidade de fazer laço com o outro sujeito e se conectar e ao mesmo tempo em que se separa, pois é sustentado pelo vazio, tendo em vista que este abriga a causa do sujeito, sua subjetividade e singularidade (Tizio, 2022). Ainda sobre o laço social, Carneiro et al. (2006) assegura que abdicar ao estado de gozo imoderado é condição necessária para o laço social.

Neste sentido, podemos afirmar que a cultura equivale a um trabalho de luto que simboliza uma falta estrutural. O interdito ao gozo excessivo, efetivado pela função paterna, leva o sujeito a constituir laços em torno da parcela gozosa não simbolizada. Nesse panorama, os discursos, enquanto liames sociais, se constituem como modalidades distintas de lidar com o gozo (Carneiro et al., 2006, p. 455).

Na problemática com o migrante, observa-se que ele é apresentado e analisado como alguém que se reconfigura no trajeto, por não se tratar de um sujeito fixo, se localizando na tentativa de construir um lugar de pertencimento (Pereira, 2021). Sendo assim, “a transitoriedade marca sua posição subjetiva tanto pela possibilidade de retorno concreto e simbólico ao lugar de origem quanto por sua identificação no laço social como estrangeiro” (Pereira, 2021, p. 24).

Conforme Pereira (2021), o laço social e suas construções entre os sujeitos são fundamentais nos deslocamentos territoriais. Sendo assim, os amigos funcionariam como grupo de referência e identificações, revelando, dessa forma, modos de pertencimento, isolamento e cristalização do lugar de estrangeiro. E, no caso da migração universitária, o estudante migra sozinho. O que por si só já insere o sujeito em modos de existência particulares, cenários alterados, provocando angústias intensas. Esta condição implica diretamente em como o sujeito vai construir seus laços sociais (Pereira, 2021).

Neste aspecto, Borges e Martins (2004) afirmam que a depender da forma que o sujeito construiu os seus laços sociais no ambiente de origem, as crises durante o processo de adaptação e estabelecimento de novos vínculos podem ser ou não ser vivenciadas de forma criativa. Assim, para Rosa et al. (2009), estes movimentos não devem ser considerados apenas como benção ou maldição, todavia, como uma das formas do sujeito se estabelecer frente ao Outro.

Método

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, não havendo comprometimento com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão do que se quer investigar, voltando-se para os aspectos da realidade que não podem ser quantificados (Silveira & Córdova, 2009). Para Peres (2019), “esse modelo de pesquisa, como produção teórica, contrariou o dogmatismo, o metodologismo e o instrumentalismo hegemônicos nas ciências humanas e sociais” (p. 146). A mesma autora ainda acrescenta que sua verdadeira contribuição foi justamente devolver ao pesquisador o exercício de refletir e elaborar conteúdos teóricos a respeito das questões estudadas.

Os dados foram coletados somente após submissão e aprovação pelo Comitê de Ética com CAAE nº. 50959821.7.0000.0128. A pesquisa se desenvolveu na modalidade online com estudantes da Universidade de Pernambuco – UPE, campus Garanhuns/PE, criada em 1966 com o nome de Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia de Garanhuns-FACETEG, sendo uma instituição pública e mantida pelo erário estadual.

Para critério de inclusão e exclusão, foram convidados a participar todos os universitários que estivessem vivenciando o movimento de migração estudantil e que na atualidade não estivessem com familiares. Diante dos critérios apresentados, participaram 25 estudantes.

Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados um questionário online para identificação dos estudantes migrantes matriculados na Universidade de Pernambuco-Campus Garanhuns/PE e quatro rodas de conversas virtuais com as seguintes temáticas: 1) Expectativas após a aprovação no vestibular e a migração; 2) As dificuldades encontradas em seu movimento migratório; 3) Os empecilhos para continuar estudando associado à saúde mental e; 4) O papel da universidade no acolhimento do estudante migrante.

O procedimento utilizado durante a coleta de dados ocorreu da seguinte maneira: as cartas de anuência e concessão foram assinadas pela diretora do campus. Inicialmente, para execução da pesquisa, foram solicitados os e-mails dos estudantes junto à Universidade e ao Diretório Acadêmico (DA) e em seguida foi encaminhado o link do questionário eletrônico.

Ressaltando que todos os membros da pesquisa analisaram e concordaram com o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), que informa sobre todo o procedimento a ser realizado na pesquisa e assegura os direitos dos colaboradores e garante a preservação de suas identidades.

Após identificação dos estudantes migrantes e verificada a disponibilidade de participação na pesquisa por meio das respostas no questionário, foram agendadas as rodas de conversa que contaram com a participação de 25 (vinte e cinco) universitários brasileiros, destes, (2) dois são oriundos do Estado da Paraíba, (1) um do Estado do Piauí e (2) dois do Estado do Ceará, os demais são pernambucanos.

As rodas de conversa foram gravadas com a permissão dos participantes e em seguida transcritas para o computador pessoal da pesquisadora, mantendo a fidedignidade de todas as falas e prezando também pelo sigilo e a confidencialidade das informações dos envolvidos, sendo nomeados na pesquisa e neste artigo através das letras do Alfabeto Português.

Foi utilizado no estudo dos dados, a análise de conteúdo de Bardin (1977), seguindo a seguinte estrutura: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, 4) a inferência e a interpretação. Nessa análise, a pesquisadora buscou compreender as características, estruturas, ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração (Câmara, 2013).

Análise e Discussões

Para Vieira et al. (2022, p. 5-6), as instituições universitárias podem provocar resultados negativos para a saúde dos estudantes, que implica no rendimento do aluno. Os mesmos autores também garantem que há um alto índice de transtornos mentais entre universitários, com ênfase na ansiedade e depressão, além do consumo de substâncias e a automedicação, sendo padrões associados ao curso, carga horária, e índices demográficos, como sexo e renda. Assim, a saúde mental tem sido cada vez mais discutida nas universidades, em função dos efeitos negativos que esta instituição pode provocar, implicando no bem estar, permanência no curso e na própria existência do estudante (Cristo et al., 2019).

Na migração universitária, além das características acima, o sujeito se desloca territorialmente sozinho, renunciando à sua casa, raízes e família. Nesta pesquisa, discursos foram apresentados em conformidade com Andrade e Teixeira (2009), em que a ausência familiar, a saudade e a constituição de morada em outro espaço se enquadram como algumas das maiores dificuldades enfrentadas pelos universitários migrantes: “Ah, pra mim também o mais difícil foi ter saído da casa dos meus pais mesmo, é aguentar a saudade (...) isso sem dúvidas foi o mais difícil (...)” (Estudante E). A estudante P também conta a sua experiência migratória, afirmando:

Foi a primeira vez em que tive que largar o que tinha e me separar dos meus pais. (...)

A sensação e sentimento de cortar os vínculos com eles e principalmente sair do meu espaço de conforto foi sem dúvidas bem desafiador.

Essas alterações colocam o sujeito numa condição desconfortável, até mesmo desestruturadora (Finger, 2008), trazendo consigo exigências de necessários investimentos e desinvestimentos (Grigorieff & Macedo, 2015) no laço social diante das ausências, renúncias e o luto, que também aparece com frequência.

Nesse sentido, Laplace (1998) pontua que em casos como esse, o objeto de amor não permanece “às vistas”, o que está posto à prova é a solidez do vínculo do sujeito com o objeto de amor, aqui representado pelos familiares. Portanto, “ao perder-se o objeto, a quantidade de investimento nele colocada passa a ficar solta no psiquismo e precisa encontrar um novo destino, para isso, efetua-se todo um ‘trabalho do luto’” (Girardi, 2015, p. 72).

Com relação a, a não tá presente nos momentos, a família vai crescendo e você congelado no outro lado do outro, e a distância, isso pega em mim por causa dos meus avós, que já são mais velhinhos, principalmente meu avô, então, seis anos é muita coisa, sabe? 10 anos pra gente pode não valer nada, mas por ex, eu tenho um avô de 77 anos, ele vai ter quase 90 daqui a dez anos, sabe? Que é quando, que é nada, sabe? (Estudante D).

A culpa pelo afastamento dos familiares também é um fator recorrente nas narrativas. “Inclusive é uma coisa que eu tinha muita dificuldade (...) era estudar quando ia eu pra casa dos meus pais, porque eu não conseguia de jeito nenhum, eu me sentia muito culpada” (Estudante D). O mesmo sentimento percorre o estudante diante da ausência nas datas comemorativas, feriados, e demais ocasiões ou rituais importantes e que não podia se fazer presente.

Primeira vez que eu passei aniversário longe da minha irmã, eu chorei demais, eu não consegui fazer nada da faculdade (...), já no aniversário dos meus pais eu fazia de tudo pra não ter que passar longe porque realmente me desestabilizava, eu sempre muita próxima, então acho que o que mais pesou mesmo foi passar alguns dias, dias específicos longe (...) (Estudante D).

Esses fatores implicam diretamente em como o estudante vai construir seus laços sociais diante desse contexto particular, com cenas alteradas que provocam intensa angústia (Pereira, 2021): “de início foi bem dificultoso me adaptar à Garanhuns por conta do clima, e também por conta das pessoas né que eu não conhecia praticamente ninguém” (...) (Estudante J).

Assim, o laço social e suas construções surgem como fundamental para posterior sentimento de pertencimento e referência (Pereira, 2021), e assim o migrante vai se reconfigurando no trajeto. Portanto, não se trata de um sujeito fixo num espaço, mas numa constante tentativa de reconstruir um lugar de pertencimento (Pereira, 2021).

Foi um choque muito grande (risos) e eu acho que eu senti falta desse apoio (...) ele veio muito mais por parte... é ... das amizades que eu fui construindo, do fato de que tinha outras pessoas, assim, que também vinham de outras cidades, então a gente conseguiu criar essa rede de apoio, eu lembro que a gente se reunia às vezes após as aulas da faculdade, ficar conversando sobre as coisas que a gente deixou pra trás, quando a gente se mudou, sabe? (Estudante C).

Essas narrativas reafirmam a importância do laço social para a sustentação do sujeito, também fomentando a respeito da necessidade desse enlace através do encontro com o outro para a constituição do indivíduo enquanto sujeito psíquico (Ceccarelli, 2009; Grigorieff & Macedo, 2018). Durante o processo de migração estudantil é a presença do outro que corrobora para a condição de pertencimento do sujeito na cultura, ocupando um lugar crucial para a formação de sua identidade e as probabilidades de investimento (Grigorieff & Macedo, 2018). Citam: “Ao longo do curso, através da construção de uma rede de apoio as coisas foram ficando mais fáceis de suportar” (Estudante E).

Nesse sentido, é a rede de apoio formada através dos laços sociais que conferem ao estudante a possibilidade de administrar as suas demandas de desinvestimento e novos investimentos, apontando para o que ficou para trás, mas indicando a necessidade da existência de abertura e consequentes transformações no novo contexto (Grigorieff & Macedo, 2018).

No meu caso foi porque assim, eu também quando eu vim pra cá eu não conhecia ninguém, né? Aí tinha que encontrar pessoas pra dividir o apartamento, aí tava todo mundo nessa vibe também de sentir saudade de casa, que tá se adaptando, de conhecer a cidade, aí esse caminho ele se fez também é partilhado, vamos dizer assim. Então, eu acho que de certa forma ajudou nessa criação de novos laços, todo mundo no mesmo barco, então uniu (Estudante B).

No entanto, o investimento nos novos laços sociais não se configura como um processo simples para o sujeito. Os universitários que participaram da pesquisa ainda estão em busca da estabilidade financeira a partir da formação superior, sendo assim, são sustentados financeiramente pelos pais, gerando um custo alto. Então, para continuar estudando, eles precisam dividir casas, apartamentos e assim diminuir as despesas. No entanto, lidar com as diferenças, inclusive culturais, pode dificultar a adaptação. E a convivência entre pares, muitas vezes, permeada por conflitos e mal-estar: “mas com o tempo ficou insuportável e aquela questão, sou eu e mais três, será que o problema sou eu ou eles?” (Estudante J).

(...) Antes de eu sair da casa que eu tava, tava sendo muito incômodo por várias coisas, tipo, por é tanto questão de limpeza, como de não respeitar o limite, não respeitar a privacidade, e muitas vezes como eu assim tinha que comprar várias coisas assim de comida essas coisas, e é no começo por ter tido uma intimidade maior, né, com as pessoas, aí depois foi tipo às vezes eu nem conseguia comer minha própria comida,

sabe? E as pessoas que entraram depois pra completar tipo os quartos da casa por exemplo, é, acabou tendo intrigas entre a gente sabe? (Estudante D).

O sofrimento e mal-estar provocado pelas relações, por vezes, faz com que o estudante procure outro espaço para dividir, morar, “eu acabei me mudando, saindo do local que eu morava, já estou no terceiro lugar” (Estudante J), tendo em vista que o sujeito ainda tem autonomia financeira para morar sozinho ou comprar a sua própria casa. É por essa razão, e para evitar o mal-estar, que surgem os movimentos inibitórios, na tentativa de criar um espaço com risco zero e protegido, buscando um velamento das dificuldades entre o sujeito e os outros, assim, se utilizam da solidão como uma condição forçada (Rosa & Tatit, 2012).

A questão de, tipo, ficar calada e aceitar tudo pra mim era algo fixo, eu era aquela pessoa que podia me chamar do que fosse, fazer o que fosse, pra mim tava tudo bem, tudo beleza, eu não falava nem um a, levava tudo de boa e deixava só pra mim, só que foi virando uma bola de neve e chegou um momento que foi o ápice, eu vi que se eu ficasse eu ia surtar e não iria dar certo (Estudante J).

Entretanto, como afirma Oliveira et al. (2014), “somente o vínculo permite a ligação do homem com um objeto e é capaz de transformar o espaço vazio em habitável, em um lugar” e “o que funda e mantém viva a existência é a capacidade humana de produzir encontros” (p. 27).

Concomitantemente aos conflitos vivenciados pelo sujeito enquanto, na sua constituição psíquica, busca o encontro com o outro que o investe amorosamente, tomando-o enquanto objeto de amor e que precisa ser cuidado (Grigorieff & Macedo, 2018), foi possível observar que os estudantes estavam vivenciando o sentimento de estrangeiridade e desamparo.

Sobre a experiência do desamparo propriamente dita relacionada ao deslocamento territorial, o sujeito vivencia cenas de exagero, e assim, não consegue diferenciar ou reconhecer o que é familiar no novo espaço em que ocupa (Grigorieff & Macedo, 2018), sendo essas características visualizadas nas narrativas colhidas. Esclarecem: “(...) Mas tô sobrevivendo, tem dias que é mais vivendo do que sobrevivendo, tem dias que é mais sobrevivendo do que vivendo” (Estudante A).

(...) Eu ficava muito mal porque nesse mesmo tempo eu tava passando por coisas bem difíceis, então eu tava muito sensível, então eu chorava quase todos os dias, na faculdade mesmo, tava na faculdade tinha dia que eu não aguentava e foi bem difícil é, foi um tempo também que eu tava pensando em desistir da faculdade, eu acabava não tendo muito suporte aqui (Estudante D).

Esse desamparo se mostrava também, através dos discursos, em situações cotidianas ou consideradas mais simples e menos dolorosas: “(...) Quando eu cheguei, eu não sabia fazer nada de casa, (risos) nada mesmo, tipo arroz eu tive que procurar no youtube (...) Foi difícil ir aprendendo a cozinhar, cheguei a colocar fogo no pano de prato, queimar panelas (risos)” (Estudante D).

Besset (2002) garante que “a falta de um Outro a quem apelar, dirigir seu amor, revela-se essencial quando se trata de pensar essa questão do desamparo” (p. 207). A estudante C afirma: “pra mim uma das coisas mais difíceis (...) foi o estar só e o se acostumar a estar só, ser a responsável pelas minhas próprias responsabilidades (...)”.

Para Besset (2002), parafraseando o “Mal-Estar na Civilização” de Sigmund Freud (1930), amar e ser amado pelo outro é uma das metodologias que estão à disposição do sujeito para alcançar a felicidade. Sendo assim, “um método cuja eficácia é limitada, pois a ausência do objeto amado ou de seu amor deixa o sujeito na infelicidade e no desamparo” (Besset, 2002, p. 208).

Outro ponto que os estudantes trouxeram foi o desamparo provocado pela estranheza que o lugar lhes causava, a começar pelo clima frio, que deixava a cidade deserta no inverno, finais de semana, além das fortes chuvas: “(...) De início bastante ruim pelo clima. O fato de ter que ir pro hospital vez ou outra por não estar adaptada ao clima de Garanhuns tornou esse momento bem mais demorado” (Estudante G). O estudante D corrobora com a mesma afirmação: “(...) além do clima super diferente, gripava direto, mão congelava, tudo congelava... pensei em desistir milhares de vezes, chorei muito no início”.

Os estudantes foram tomados pela estranheza ao se deparar com as diferenças culturais que eles não conheciam (Grigorieff & Macedo, 2018; Mallard et al., 2015). Outra característica desse fenômeno encontrada nos relatos é que mesmo os estudantes veteranos, que já viviam na nova cidade há alguns anos, não se enxergavam como moradores, não havia o sentimento de pertença, nem apropriação do novo território.

Tipo assim, é como, é o que eu falei, assim, às vezes, eu tenho a impressão que eu andava em Garanhuns como estudante da UPE, e isso me incomodava muito porque eu não sentia que eu tinha uma identidade, parecia que minha identidade era a universidade, e aí foi quando eu parei pra pensar e, e fazer esse movimento e precisou andar pela cidade e me estabelecer aqui, porque por exemplo uma coisa que é muito emblemática assim que eu lembro é que antigamente eu não conseguia é, montar o meu quarto aqui em Garanhuns é, pensando em ficar aqui, eu sempre montava o meu quarto

pensando quando me mudar isso vai ser mais útil. Então, tipo assim, eu não procurava me apropriar dos lugares que eu ia, é como se eu tivesse de passagem o tempo todo (...) eu preciso me estabelecer porque senão, eu vou tá sempre nesse lugar de desalojamento, de não ter um lugar pra mim (Estudante H).

Acrescentaram: “Garanhuns são sete colinas, eu só conheço uma colina que é a da UPE, e nem tudo isso assim, tipo, não, não vou dizer que eu conheço Garanhuns, não, eu conheço aquele meu bairrozinho ali da UPE” (Estudante F).

A partir destes discursos, verifica-se que o novo espaço não é acessado pelo sujeito como algo familiar, suas certezas são inconstantes e a sua vulnerabilidade psíquica contribui para que o sujeito experimente a condição de estrangeiridade que também é um dos fatores que conduz ao desamparo. Essa situação pode ser traumática, carregada de sofrimento para sujeitos que precisam de seu tempo para ressignificar o vivido (Mallard et al., 2015). Todo o seu percurso na faculdade está implicado nos atravessamentos provocados pela migração. Mesmo assim, parafraseando Pereira (2021), esses estudantes são colocados como sendo todos iguais, “num jogo perfeito de espelhos, perdem-se as diferenças de cada história singular” (p. 84), e, assim, seu sofrimento permanece invisibilizado.

“Mas, assim como os pássaros, o exilado ou - o Estrangeiro, sempre existiu”: só que nem sempre lhe demos um lugar em nosso pensamento, em nosso olhar, em nossa escuta (Antonelli, 2006, p. 2). Diante dessa invisibilidade e as rodas de conversa como proposta de acolhimento e amparo aos estudantes, comentam:

Eu acho que você tá dando voz pra a gente que é de imigrante e você viveu isso também, é muito importante por causa disso, porque eu acho que a partir de agora vai ser um outro olhar (...) E é muito importante, porque gera sofrimento, e que a gente, sabe, reverbera na vida toda, né? (Estudante B).

Foi muito interessante saber que existiam outras histórias como a minha, claro que com graus de diferença, mas em que a gente pode trocar uma palavra e tá todo mundo nesse mesmo barco de morar (Estudante I).

Por fim, os estudantes puderam fazer uma retrospectiva sobre sua experiência e narraram que se pudessem retornar ao passado diriam para si mesmos não se preocuparem tanto o tempo todo, o que pode ser evidenciado nas seguintes falas dos participantes: “a caminhada vai ser difícil, vai doer, você vai chorar, vai pensar em desistir, mas você também vai encontrar pessoas maravilhosas e perceber que não está sozinha, vai construir coisas lindas (...) (Estudante E); “Não tenha medo, você vai aprender tudo aos poucos” (Estudante S); e “Se prepara que tu vai sofrer e ter muita crise de ansiedade e vai chorar todo dia” (Estudante W).

Considerações Finais

A pesquisa foi delineada a partir da manifestação do sofrimento psíquico associado ao movimento migratório de estudantes universitários. Observou-se que o distanciamento familiar, a formação de novos laços sociais, a estrangeiridade e o desamparo em decorrência do deslocamento territorial são fatores que possibilitam a emergência do sofrimento psíquico no sujeito.

No tocante ao sofrimento psíquico associado ao distanciamento familiar, se apresentou através da saudade, da culpa por se afastar da terra natal e não vivenciar momentos específicos com a família, luto pelo lar esvaziado e a vivência do desamparo. Sobre a produção de sofrimento psíquico pelo estudante na formação de novos laços sociais, foi observada a exigência de demandas de desinvestimentos e investimentos, e embora seja uma condição necessária para o sentimento de pertença, é permeado por conflitos e mal-estar. No que se

refere ao sentimento de estrangeiridade e desamparo, mesmo os estudantes veteranos não se apropriaram do novo espaço, vivenciando incertezas, medos e insegurança.

Como produto da pesquisa, sugere-se a criação de um programa de atendimento em saúde mental para o estudante migrante e que lhe dê suporte durante o período em que está cursando o Ensino Superior, tendo em vista a necessidade demandada e visualizada durante a pesquisa.

Vale ressaltar que no Brasil já existem experiências de implantação de serviços em saúde mental nas universidades, embora não sejam direcionados apenas aos estudantes migrantes, mas a todo o corpo discente. Ao exemplo disso, o Programa de Atenção em Saúde Mental (PROASME) instituído na Universidade do Rio de Janeiro, “que se organiza a partir de sua porta de entrada, estabelecendo um mapa da clientela e realizando a caracterização de seu perfil contextual e subjetivo” (Malajovich et al., 2017, p. 356).

Referências

- Andrade, A. M. J., & Teixeira, M. A. P. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais: Um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 33–44.
- Antonelli, C. C. (2016). *Um corpo estranho na cultura: O estrangeiro*. Federación Psicanalítica de América Latina. <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/035-portu.pdf>
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* (C. A. Medeiros, Trad.). Jorge Zahar. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v3n5p290-295>
- Bardin, L. (1977). *Análise do conteúdo*. Edições 70.
- Besset, V. L. (2002). Angústia e desamparo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 2(2), 203–215. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v2n2/10.pdf>
- Betts, J. (2014). *Incidências clínicas da diferença cultural nos sofrimentos da identidade – a cultura como conceito metapsicológico*. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. https://apoa.org.br/correio/edicao/241/incidencias_clinicas_da_diferenca_cultural_nos_sufrimentos_da_identidade_a_cultura_como_conceito_metapsicologico/58
- Borges, H., & Martins, A. (2004). Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, 14(1), 129–146. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100008>
- Carneiro, H. F., Junior, R. P. M. & Cunha, T., C. M. C. (2021). Universidade: Discurso, escrita e a engenhosa fábrica de enlouquecimento. In I. F., Ferrari, & A. A., Mendes. (Orgs.), *O Sofrimento Psíquico de Jovens no Espaço Universitário* (pp. 79–100). Escuta.
- Carneiro, H. F., Mapurunga, J. R. S., Silva, J. S. B., & Costa, R. M. L. (2006). Melancolia, ressentimento e laços social: repercussões na clínica psicanalítica. *Revista mal-estar e subjetividade*, 6(2), 450–471. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/09.pdf>

-
- Câmara, R. H. (2013). *Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S198382202013000200003
- Carvalho, J. B. A., & Gewehr, R. B. (2022). Notas sobre a noção de desamparo em Freud. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(3), 1–22. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32829>
- Ceccarelli, P. R. (2009). Laço Social: Uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso*, 30(58), 33–41. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200004
- Cristo, F. D., Farias, I. M. S. U., Cavalcante, A. C., Medeiros, A. L. G., Lima, G. D. O., & Diogo, W. F. Q. (2019). O Ensino Superior e suas exigências: consequências na saúde mental dos graduandos. *Trabalho (em)cena*, 4(4), 485–505. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/7447/16189>
- Finger, S. S. (2008). Imigração e sintoma na clínica com famílias. *Contextos Clínicos*, 1(2), 71–78. <https://doi.org/10.4013/ctc.20082.03>
- Freud, S. (1917). Luto e Melancolia. In P. C. Sousa (Trad.), *Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas, Volume 12 (1914–1916)*. (pp. 127–144). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930). Mal-estar na Civilização. In P. C. Souza (Trad.), *Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Obras Completas, volume 18 (1930–1936)*. (pp. 9–89). Companhia das Letras.

-
- Fusco, W., & Ojima, R. (2016). A interiorização do Ensino Superior em Pernambuco e seus efeitos na mobilidade pendular. *Blucher Social Sciences Proceedings*, 2(2), 81–92. <https://doi.org/10.5151/socsci-ix-enm-ST2-3>
- Grigorieff, A. G., & Macedo, M. M. K. (2018). Singulares Deslocamentos na Experiência Psíquica de migrar. *Psicologia Clínica*, 30(39), 471–492. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A04>
- Junior, B. B. (2013). *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. Civilização Brasileira.
- Koltai, C. (2000). *Política e Psicanálise: o estrangeiro*. Escuta.
- Girardi, J. F., & Borges, L. M. (2015). *Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de universitários imigrantes* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis]. Repositório institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169465>
- Jacobucci, N. (2017). Lutas e perdas num processo de imigração: um constante ressignificar. *Perdas e luto: educação para a morte, as perdas e o luto*. <https://perdaseluto.com/2017/06/21/luto-e-perdas-num-processo-de-imigracao-um-constante-ressignificar/>
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas I: A angústia* (3ª ed.). Martins Fontes.
- Mallard, S. D. S., Cremasco, M. V. F., & Metraux, J. C. (2015). Estrangeiridade e Vulnerabilidade psíquica: algumas contribuições psicanalíticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 125–132. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015011786125132>
- Malajovich, N., Vilanova, A., Frederico, C., Cavalcanti, M. T., & Velasco, L. B. (2017). A juventude universitária na contemporaneidade: a construção de um serviço de atenção

- em saúde mental para estudantes. *Mental*, 11(21), 356–277.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v11n21/v11n21a05.pdf>
- Oliveira, E. D. (2014). Migração, identidade cultural e história oral: percurso possível de pesquisas. *MONÇÕES: Revista do Curso de História da UFMS/Campus de Coxim*, 2(2), 170–181. <https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/680>
- Oliveira, A. A. A., Resstel, C. C. F. P., & Justo, J. S. (2014). Desamparo psíquico na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 13(1), 21–32.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n1/a03.pdf>
- Pereira, M. L. I. E. M. (2021). *A clínica psicanalítica com migrantes “livres” e a hipótese do sujeito partido* [Tese de Doutorado, Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.47.2021.tde-24072021-134753>
- Peres, V. L. A. (2019). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. *Revista Brasileira Psicodrama*, 27(1), 145–148.
<https://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20190016>
- Rosa, M. D., & Tatit, I. (2012). Errância e Isolamento: As dimensões de desejo e de gozo da solidão. *Psicologia em Revista*, 18(3), 446–457. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n3p446>
- Rosa, M. D., Berta, S. I., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497–511.
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/4qK39MQPRn9MyHps6BRVC3n/?lang=pt>
- Sousa, D. P. D., & Silva, R. B. (2018). A questão do estrangeiro da contemporaneidade: uma leitura a partir de Zigmund Bauman. *Revista Polis e Psique*, 8(2), 24–44.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238152X2018000200003

Silveira, D. T., & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In T. E. Gerhardt, & D. T. Silveira (Orgs.), *Métodos de Pesquisa* (pp. 31–43). Editora UFRGS.

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Silva, G. P. (2019). A seca do nordeste, as práticas migratórias e suas representações na musicografia de Jackson do Pandeiro. *Revista Rural & Urbano*, 4(2), 74–97.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index>

Tizio, H. (2022). *Novas modalidades do Laço Social*. aSEPHallus,

http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/artigo_03.htm

Vieira, C. A. L., Pinheiro, F. P. H. A., Sousa, C. R., Lima, C. M. S. L., Cunha, E. S., Aguiar, H. M. T., & Alcântara, V. P. (2022). Saúde discente em uma universidade pública: Um estudo no nordeste brasileiro. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(3), 1–25.

<https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32574>